

FRANCISCO E A CENTRALIDADE DOS POBRES
FRANCIS AND THE CENTRALITY OF THE POOR

Joaquim Jocélio de Sousa Costa*

Recebido em: 09/09/2023

Aprovado em: 25/09/2023

DOI: 10.57147/espacos.v31i1.890

Resumo: O artigo aborda um dos pontos mais fundamentais do ministério pastoral do papa Francisco: a centralidade dos pobres. Nesses 10 anos de pastoreio, Francisco tem renovado a Igreja em muitos aspectos, mas talvez o mais significativo seja a compreensão de que, como os pobres estão no centro do Evangelho, eles também devem estar no centro da Igreja e suas preocupações pastorais. O texto inicia situando essa posição de Francisco dentro do contexto maior da sua vivência do Concílio Vaticano II a partir da tradição libertadora latino-americana. Depois trata seu desejo de uma Igreja pobre e para os pobres. Por fim, apresenta o desafio de ser uma Igreja em saída para as periferias como caminho para assumir de fato essa centralidade dos pobres na vida da Igreja.

Palavras-chave: Papa Francisco, centralidade dos pobres, Igreja em saída.

Abstract: The article approach one of the most fundamental points of Pope Francis' pastoral ministry: the centrality of the poor. In these 10 years of shepherding, Francis has renewed the Church in many ways, but maybe the most significant is the understanding that, as the poor are at the center of the Gospel, they must also be at the center of the Church and its pastoral worries. The text begins by situating this position of Francis within the larger context of his experience of the Second Vatican Council from the Latin American liberating tradition. Then it addresses his desire for a poor Church and for the poor. Finally, it presents the challenge of being an outgoing Church to the peripheries as a way to actually assume this centrality of the poor in the life of the Church.

Keywords: Pope Francis. Centrality of the poor. Outgoing church.

Introdução

Estamos celebrando com muita alegria esse grande *kairós* de Deus para a Igreja, esse tempo da graça experimentado com o ministério pastoral do papa Francisco. Suas palavras e gestos vêm impactando a Igreja nesses dez anos de serviço ao povo de Deus. Francisco desenvolveu uma dinâmica eclesial que, ainda com muita resistência, vai fermentando a massa e fecundando o chão de nossas comunidades. Ele, sem dúvida, deixou sua marca na história da Igreja.

* Graduado em Filosofia e Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza. Seminarista da Diocese de Limoeiro do Norte.

Dentre tantos aspectos do pastoreio de Francisco que poderíamos retomar, optamos por esse que julgamos ser o mais fundamental. “A característica mais importante e mais determinante do ministério pastoral de Francisco como bispo de Roma é sua insistência teológico-pastoral na centralidade dos pobres e marginalizados e de todas as pessoas que sofrem na vida e missão da Igreja” (AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 21). Os pobres que estão no coração do Evangelho, estão também no centro das preocupações de Francisco. Sua insistência no serviço a eles é sua maior marca como bispo de Roma e uma interpelação para toda a Igreja.

No primeiro tópico, exporemos brevemente como essa perspectiva assumida por Francisco é fruto tanto do Concílio Vaticano II, de quem ele é um filho fiel, como da Tradição libertadora latino-americana onde ele esteve inserido e a partir da qual viveu seu serviço pastoral, assumindo-a consequentemente. No segundo tópico, apresentaremos, a partir de uma frase sua, o desejo/projeto de uma Igreja que viva a pobreza evangélica e assuma sua missão de serviço a Jesus presente nos pobres desse mundo. No terceiro tópico, mais uma vez a partir de uma frase sua, mostraremos que o caminho para ser essa “Igreja pobre e para os pobres” é assumirmos o desafio de sair para as periferias geográficas, sociais e existenciais. Desejamos que esta reflexão ajude não só a retomar a marca fundamental do pastoreio do papa Francisco, mas também que seu exemplo nos interpele a assumir cada dia mais o projeto de Jesus: o Reino de Deus que é dos pobres (Cf. Mt 5,3; Lc 6,20).

1. Na esteira do Concílio e da Tradição libertadora latino-americana

Constitui um verdadeiro paradoxo eclesial falar em centralidade dos pobres ou em Igreja dos pobres, pois, apesar destes já constituírem a maioria na comunidade de fé, eles não são os que mais recebem as atenções da Igreja. A grande parte de nossas comunidades é de pessoas humildes e simples; inclusive, até financeiramente, o que sustenta a comunidade de fé são as contribuições dos pobres, a “oferta da viúva” (Cf. Mc 12,41-44). Mas suas angústias, seus sofrimentos e opressões ainda não estão no coração da pastoral da Igreja. Contudo, deveriam estar, não por uma questão numérica (serem maioria na Igreja), mas por uma questão evangélica (estão no centro do Evangelho). O papa Francisco nos recorda isso em muitos momentos. Essa consciência

é fruto da sua vivência do Concílio Vaticano II aqui na América Latina e da própria tradição libertadora deste continente. Assim, para compreendermos isso, é preciso que retomemos alguns momentos importantes dessa reflexão no Concílio e em nosso continente.

O papa João XXIII, um mês antes do Concílio começar, já apontava nesta direção: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres” (JOÃO XXIII, 2007, p. 23). O mesmo expressou o cardeal Lercaro de Bolonha nos últimos dias da primeira sessão do Concílio em 1962. Após receber um bilhete do papa João XXIII pedindo que ele se pronunciasse, já que não havia falado na basílica ainda, o cardeal preparou uma brilhante intervenção em sete pontos: 1) “O assunto central do Concílio: a Igreja de Cristo revelando-se, habitando e trabalhando entre os homens”; 2) “Uma lacuna grave: O Mistério de Cristo nos Pobres não aparece na doutrina da Igreja sobre si mesma”; 3) “Nosso dever: Colocar no centro deste Concílio o Mistério de Cristo nos pobres e a evangelização dos pobres”; 4) “Objetivo do Concílio: a evangelização dos Pobres não é um dos temas deste Concílio, mas a questão central, mesmo para a unidade dos cristãos”; 5) “Assuntos principais de trabalho doutrinal”; 6) “Exemplos de reformas pastorais e institucionais”; 7) “Conclusão: a prioridade à evangelização dos Pobres, chave de toda a doutrina, congregação de todos os cristãos e resposta a todos os homens” (LERCARO, 1967, p. 178-182).

Apesar de ter sido aplaudido na basílica após sua intervenção, as provocações de Lercaro não foram assumidas. Contudo, um grupo de bispos conciliares, ajudados por alguns teólogos, padres, religiosas e leigos procurou com toda força que o tema dos pobres fosse central para o Concílio. Tanto que se formou o que Dom Hélder Câmara chamava de Grupo da pobreza, do qual ele participava. Em suas cartas circulares, vemos Dom Hélder descrevendo algumas das articulações desse grupo: “O Santo Padre aprovou os nossos estudos: Mons. Mercier e o Ivan vão acompanhar os 12 teólogos que aprofundam a Teologia da Pobreza” [30.09.1963] (CÂMARA, 2009, p. 161); “no Seminário dos Franceses, às 15h de hoje, tivemos reunião do estado maior do Grupo da Pobreza...” [04.10.1963] (CÂMARA, 2009, p. 167); “o Santo Padre confiou ao Cardeal Lercaro a missão de velar para que os Esquemas do Concílio se embebam da ideia de

Igreja Servidora e Pobre” [13.10.1963] (CÂMARA, 2009, p. 186); “hoje, o Grupo da Pobreza realizou, no Colégio Belga, 3 reuniões: às 15h30, Reunião do Comando, na qual apresentei, reformulado, o Plano Trienal de conquista dos Bispos para o ideal da Igreja servidora e pobre” [18/19.10.1963] (CÂMARA, 2009, p. 200).

Os esforços foram muitos, mas apesar disso, o Concílio Vaticano II não foi o Concílio dos pobres. Apenas duas passagens dos 16 Documentos do Concílio trataram do tema mais significativamente. Uma dessas passagens vem da constituição dogmática sobre a Natureza da Igreja:

Assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, a Igreja é também chamada a trilhar o mesmo caminho, para comunicar aos homens os frutos da salvação... Da mesma forma, a Igreja envolve com amor todos os que sofrem. Reconhece nos pobres e nos desvalidos a imagem do seu fundador pobre e sofredor, empenha-se em combater a pobreza e se coloca a serviço dos pobres, como a serviço de Cristo (LG n 8).

Outra passagem é da constituição pastoral sobre a missão da Igreja no mundo: “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS n 1).

Contudo, apesar da referência aos pobres ser escassa nos textos e orientações conciliares, esse grupo de bispos não desistiu. No dia 16 de novembro de 1965, alguns dias antes da conclusão do Concílio, esse grupo se reuniu nas catacumbas de Santa Domitila em Roma, rezaram uma missa e depois assinaram o que ficou conhecido como *O Pacto das Catacumbas*, um compromisso expresso em 13 artigos afirmando que eles, quando regressassem para suas dioceses, buscariam viver a pobreza e assumir as lutas dos pobres. Assinaram cerca de 40 bispos. A introdução do pacto dizia assim:

Nós, bispos, reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho, incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós queria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos irmãos no Episcopado; contando, sobretudo, com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda

a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue (PACTO DAS CATACUMBAS, 2015, p. 29).

Ao voltarem para suas dioceses, muitos desses bispos deixaram de viver nos palácios e passaram a habitar em casas simples, usaram vestes mais austeras, venderam grandes quantidades de terras da Igreja e denunciaram as injustiças sofridas pelos pobres. Tal atitude também contribuiu para que acontecesse na II Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín o que não se deu no Vaticano II, ou seja, que os pobres estivessem no centro das reflexões e projetos pastorais. Como resultado dessa conferência em 1968, surgiu o Documento de Medellín que, dentre tantos pontos, defendeu “que se apresente cada vez mais nítido na América Latina o rosto da Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens” (DM 5,15a). Insistiu ainda que “a pobreza da Igreja e de seus membros na América Latina deve ser sinal e compromisso. Sinal de valor inestimável do pobre aos olhos de Deus; compromisso de solidariedade com os que sofrem” (DM 14,7). Afinal, “o mandato particular do Senhor, que prevê a evangelização dos pobres, deve levar-nos a uma distribuição tal de esforços e de pessoal apostólico, que deve visar, preferencialmente, os setores mais pobres e necessitados” (DM 14,9). Os pobres não são um ponto ou apêndice em Medellín, mas como que o eixo central do Documento e das consequências pastorais decorrentes dele.

Essa tradição continuou com a Conferência seguinte em 1979, em Puebla. A mesma afirma “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134). Explica que “o serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos, para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (DP 1140). E confirma ainda que o “modelo de vida pobre é exigido pelo Evangelho de todos os que creem em Cristo e, por isso, podemos chamá-lo ‘pobreza evangélica’” (DP 1148).

Apesar de Francisco não citar muito Medellín e Puebla, ou mesmo o Pacto das Catacumbas, essa tradição libertadora o envolve profundamente. Em um dos momentos, quando falou dessas conferências, deixou claro o quanto foram cruciais para a Igreja.

Por ocasião da celebração dos 40 anos da Conferência de Puebla, Francisco destacou a importância da “decisão de tomar como ponto de partida as intuições e opções proféticas da Conferência de Medellín para dar, em Puebla, um passo em frente no caminho da Igreja latino-americana rumo à sua maturidade” (FRANCISCO, 2019). E chega a destacar os temas fundamentais de Puebla:

A novidade de uma autoconsciência histórica da Igreja na América Latina; uma boa eclesiologia que retoma a imagem e o caminho do povo de Deus no Concílio Vaticano II; uma mariologia bem inculturada; os capítulos mais ricos e criativos sobre a evangelização da cultura e da piedade popular na América Latina — a respeito da evangelização das culturas, Puebla lançou fundamentos muito sérios para progredir — a crítica corajosa contra a falta de reconhecimento dos direitos humanos e das liberdades que se viviam na região naquele tempo; e as opções pelos jovens, pelos pobres e pelos construtores da sociedade (FRANCISCO, 2019).

Francisco vem dessa tradição libertadora. Ele não só esteve geograficamente no continente onde ela se deu, mas espiritualmente, ou seja, assumiu na força do Espírito suas consequências. E como vimos, essa tradição nada mais é que uma recepção criativa do Concílio, do qual Francisco é filho fiel. Inclusive, é curioso perceber que “Francisco é o primeiro Papa que não tomou parte nos trabalhos conciliares. Ele é, porém, plenamente filho do Concílio e da renovação eclesial que dele teve início” (REPOLE, 2019, p. 16). Na verdade, Francisco “não entra na disputa por suas várias interpretações, mas simplesmente procura tornar esse Concílio realidade. Como já foi afirmado: ele não fala sobre o Vaticano II, ele ‘faz o Vaticano II’” (MIRANDA, 2018, p. 39). Francisco procura levar para a Igreja universal aquilo que o Grupo da Pobreza tentou no Concílio e aquilo que se efetivou em Medellín na América Latina, ainda que hoje esteja mais mitigado. Ou seja, a centralidade dos pobres como algo fundamental na vida da Igreja.

Esta é a base eclesial desta parcialidade fundamental pelos pobres assumida por Francisco. Agora, vamos retomar algumas de suas reflexões que nos provocam a perceber como os pobres devem estar no centro da vida da Igreja e como precisamos repensar nossa ação pastoral.

2. Por uma “Igreja pobre e para os pobres”

Essa frase, marcante e paradigmática no ministério de Francisco, foi pronunciada por ele três dias depois da sua eleição, no sábado 16 de março de 2013, numa coletiva de imprensa com jornalistas do mundo todo. Essa expressão vai reaparecer em muitos momentos, como na sua primeira exortação apostólica, a *Evangelii Gaudium* (EG). Esse anseio de Francisco será acompanhado de muitos gestos que o concretizam: vestes simples, morar na casa de hóspedes e não no palácio, refeições no refeitório com os funcionários, viagens aos países periféricos, defesa dos imigrantes e da casa comum, criação do Dia Mundial dos Pobres, visitas constantes a hospitais e presídios etc.

Francisco nos recorda que “Jesus não só está do lado dos pobres, mas também partilha com eles a mesma sorte. Isto constitui também um forte ensinamento para os seus discípulos de todos os tempos” (FRANCISCO, 2021). Não se trata de uma pobreologia, como alguns podem pensar, nem se trata de colocar os pobres no lugar de Deus, afinal, não precisamos fazer dos pobres Deus, pois o próprio Deus já se fez pobre em Jesus de Nazaré. Trata-se de servir a Nosso Senhor presente nos sofrendores deste mundo. Assim, com a expressão “Igreja Pobre e para os pobres”, Francisco trata de dois aspectos inseparáveis da evangélica centralidade dos pobres: a Igreja precisa ser pobre (seu jeito de ser, agir, estar no mundo) e deve assumir a missão de servir aos pobres, ser para eles (colocá-los no centro de suas preocupações e aprender com eles).

Francisco tem muito claro que precisamos ser uma Igreja pobre, pois o seguimento de Jesus nos interpela a ser pobres. “Tornar-se seu discípulo implica a opção de não acumular tesouros na terra”, pois “se não se optar por tornar-se pobre de riquezas efêmeras, poder mundano e vanglória, nunca se será capaz de dar a vida por amor; viver-se-á uma existência fragmentária, cheia de bons propósitos mas ineficaz para transformar o mundo”; por isso, “como seria evangélico, se pudéssemos dizer com toda a verdade: também nós somos pobres, porque só assim conseguiríamos realmente reconhecê-los e fazê-los tornar-se parte da nossa vida” (FRANCISCO, 2021).

Temos um desafio muito grande. A Igreja ainda tem muito da herança constantiniana e palaciana: vestes, títulos, estruturas, costumes, ritos, protocolos. É preciso muitos anos e muitas reformas para voltarmos à pobreza evangélica de Jesus. Contudo, passos precisam ser dados. Só nos identificando com a vida dos pobres,

poderemos viver melhor o Evangelho e servir aos pobres como nos pede Jesus. Isso vale principalmente para as lideranças da Igreja, bem como para a dimensão institucional desta, mas vale para todos os demais fiéis, pois todos somos Igreja. O padre, a freira, o bispo devem viver a pobreza, as estruturas paroquiais e diocesanas devem ser simples, austeras, mas a vida de todos os demais fiéis também.

Vivendo assim, poderemos ser igualmente uma Igreja para os pobres, servindo a Nosso Senhor neles e colocando-os no centro de nossas preocupações, pois “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja” (EG n 198). Contudo, como denuncia o próprio papa, “com grande humildade, temos de confessar que muitas vezes não passamos de incompetentes a respeito dos pobres” (FRANCISCO, 2021). E mais, chega a afirmar “com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual” (EG n 200). Quantos bairros pobres têm assistência pastoral adequada? Tem o “luxo” de um diretor espiritual, por exemplo? Onde estão mais presentes os pastores? Nas periferias, nas casas dos pobres? Ou nas mansões, banquetes e restaurantes caros? As nossas pastorais são pensadas mais para os pobres ou para as elites? Atento a isso, no final do Ano Santo da Misericórdia, o papa Francisco se reuniu em Roma com um grupo de pessoas excluídas e pediu perdão:

Peço-vos desculpa se alguma vez vos ofendi com as minhas palavras ou por não ter dito coisas que deveria ter dito. Peço-vos perdão em nome dos cristãos que não leem o Evangelho e não encontram a pobreza no centro. Peço-vos perdão por todas as vezes que nós, cristãos, diante de uma pessoa pobre ou de uma situação de pobreza olhamos para o outro lado. Desculpai. O vosso perdão para homens e mulheres de Igreja que não querem ou não quiseram olhar para vós, é água abençoada para nós; é limpeza para nós; é limpeza para nós; é ajudar-nos a voltar a crer que no coração do Evangelho está a pobreza como grande mensagem, e que nós — católicos, cristãos, todos — devemos formar uma Igreja pobre para os pobres; e que cada homem ou mulher de qualquer religião deve ser em cada pobre a mensagem de Deus que se aproxima e se faz pobre para nos acompanhar na vida (FRANCISCO, 2016a).

Francisco nos provoca a ser uma Igreja para os pobres, porque “os pobres são sacramento de Cristo, representam a sua pessoa e apontam para Ele” (FRANCISCO, 2021). Falando certa vez a Cáritas Diocesana de Roma, ele exclamou: “Gostaria que as comunidades paroquiais em oração, no momento do ingresso de um pobre na igreja, se

ajoelhassem em veneração do mesmo modo como quando entra o Senhor!” (FRANCISCO, 2015b). Para alguns, pode soar meio herético isso que o papa disse. Tomar os pobres como sacramento e se ajoelhar diante deles como diante do santíssimo. Na verdade, o que Francisco pede é que não esqueçamos algo que São João Crisóstomo já dizia no século V: “o mesmo que diz ‘este é meu corpo’, é quem disse ‘me vistes faminto e não me destes de comer’” (JOÃO CRISÓSTOMO, 1996, p. 32). Jesus está presente realmente na Eucaristia, mas também está realmente presente nos pobres. Não são dois Jesus ou duas formas de maior ou menor valor de sua presença.

Reconhecendo o Senhor nos pobres, para ser Igreja para eles, também precisamos entender que “a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas” (EG n 198). Precisamos “fazê-los tornar-se parte da nossa vida e instrumento de salvação” (FRANCISCO, 2021), afinal, “todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG n 197). Isso implica perceber que “estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG n 198). Papa Francisco nos lembra que “os pobres são verdadeiros evangelizadores, porque foram os primeiros a ser evangelizados e chamados a partilhar a bem-aventurança do Senhor e o seu Reino (cf. Mt 5,3)” (FRANCISCO, 2021).

Esse potencial evangelizador dos pobres é também potencial de transformação social para fazer o mundo mais justo e fraterno, sinal do Reino de Deus. O servir aos pobres, o ser para os pobres não é fazer por eles, em seu lugar, mas com eles, sendo apoio na luta por vida digna. Por isso Francisco tem um grande carinho e admiração pelos movimentos populares. Eles são os pobres organizados lutando por um mundo novo. Falando para esses movimentos, Francisco destaca seu potencial de transformação:

Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo [sic], limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações?... Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos... Não se acanhem! (FRANCISCO, 2015a).

Mas como realizar essa conversão da Igreja à pobreza e aos pobres? Como ser verdadeiramente uma Igreja pobre e servidora dos pobres? Com outra expressão programática, Francisco nos indica o caminho: é preciso sair das nossas comodidades e ir às periferias. Essa permanente saída é a via autenticamente evangélica.

3. O desafio de ser uma Igreja “em saída para as periferias”

Desde o início do seu ministério pastoral, olhando para a situação da Igreja no mundo todo, Francisco constata que ela sofre do mal da autorreferencialidade, ou seja, a Igreja está preocupada em ser o centro de tudo e sempre tomar a si mesma como referência. Se contrapondo a isso, ele fala que é preciso “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG n 20), pois a Igreja tem que anunciar o Evangelho nos “lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território” (EG n 30); ou seja, deve “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas” (EG n 46).

Isso não é um desvio da fé cristã, colocando os pobres no lugar de Deus. As periferias são, por excelência, lugar teologal (da experiência de fé) e teológico (lugar a partir do qual se reflete a fé). Isso porque Deus “ultrapassa sempre os nossos esquemas e não lhe metem medo as periferias. Ele próprio se fez periferia (cf. Fl 2,6-8; Jo 1,14). Por isso, se ousarmos ir às periferias, lá o encontraremos: Ele já estará lá” (GE n 135). Francisco deixa muito claro que a Jesus, “não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignidade, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver” (FRANCISCO, 2021). Ir às periferias é ir ao encontro de Deus, pois lá é o lugar fundamental de sua presença.

Sair de nossas comodidades e ir às periferias é mudar nossos esquemas palacianos, elitistas. Significa reconhecer que nossa salvação, nossa vida em Deus só acontece nessa saída que é não só geográfica, social e existencial, mas fundamentalmente espiritual, pois mudamos a mentalidade, os interesses, as energias para encontrar o Senhor pobre entre os pobres.

Somos chamados a servir Jesus crucificado em cada pessoa marginalizada, a tocar a sua carne bendita em quem é excluído, tem fome, tem sede, está nu, preso,

doente, desempregado, é perseguido, refugiado, migrante. Naquela carne bendita, encontramos o nosso Deus; naquela carne bendita, tocamos o Senhor. O próprio Jesus o disse, ao explicar o ‘Protocolo’ com base no qual seremos julgados: sempre que fizermos isto a um dos nossos irmãos mais pequeninos, fazemo-lo a Ele (Cf. Mt 25,31-46) (FRANCISCO, 2016b).

Os pobres são o autêntico critério escatológico (Cf. Mt 25,31-46; Lc 10,25-37; Mc 10,17-27), o critério para nossa salvação. Ir ao seu encontro, assumir sua causa, sua vida, é abraçar o caminho do Reino de Deus. Assim, essa saída para as periferias implica alguns desafios fundamentais para a Igreja.

Primeiro, os pobres também são Igreja. Claro que nem todos os oprimidos são cristãos. Não é esse o ponto. O fato é que, às vezes, quando falamos em ser Igreja para os pobres, podemos esquecer que eles também estão na Igreja. Não é a Igreja e os pobres, como se eles estivessem fora. É preciso ter claro que a maior parte da nossa Igreja é formada por gente simples, humilde e oprimida. Os pobres são Igreja, mesmo que a Igreja ainda não seja dos pobres. Claro que isso não significa deixar de servir aos irmãos que padecem, mas não compartilham a nossa fé. Nada disso. Significa valorizarmos nossas comunidades de base onde os pobres estão. Trata-se de reconhecer sua presença e pensar nossa caminhada pastoral a partir das periferias. Temos que valorizar o jeito que nosso povo simples tem de rezar e viver a fé, ou seja, a chamada piedade popular. É verdade que as devoções populares nem sempre levam ao seguimento, tantas vezes se fecham em si mesmas numa relação intimista com Deus. Mas elas também podem ser transformadoras, se forem criativa e profeticamente orientadas. “As expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG 126). Precisamos assumir a profunda fé do nosso povo pobre fortalecendo seu potencial profético.

Outro aspecto fundamental que a saída para as periferias nos toca é a consciência de que a fé tem uma dimensão social que lhe é constitutiva. Fé não é simplesmente acreditar que “vai dar tudo certo” ou professar o conjunto de conteúdos doutrinários. Fé é, antes de tudo, se lançar em Deus fazendo a vida segundo sua vontade no seguimento de Jesus. Ela tem a ver com o anúncio e construção do Reinado de Deus: “a tua identificação com Cristo e os seus desígnios requer o compromisso de construíres, com

Ele, este Reino de amor, justiça e paz para todos” (GE n 25). Desse modo, “na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG n 180). Mostramos a fé pelas nossas obras (Cf. Tg 2,18), pois, para Jesus, o que conta é a fé agindo pelo amor (Cf. Gl 5,6). A maior crise de fé é o relativismo prático, que segundo Francisco, é pior que o relativismo dogmático: “Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG n 80).

A saída para as periferias nos ajuda a perceber que religioso/espiritual não são apenas, e nem sempre, os momentos de oração, pois estes também podem ser intimistas e até alienados, não expressando a autêntica oração cristã. Religioso/espiritual é a prática do amor de Cristo. Tal amor deve se manifestar nos momentos de oração, mas fundamentalmente no dia a dia, inclusive, como consequência da oração. Afinal, não seremos reconhecidos por símbolos religiosos, longas orações ou práticas de piedade em si. Seremos julgados se nos amamos como ele nos amou (Cf. Jo 13,35). Portanto, todas as práticas religiosas, para serem autenticamente cristãs, precisam ser sempre expressão do amor de Cristo e nos levar a amar como ele amou.

O papa Francisco entende muito bem que “o cristianismo está feito principalmente para ser praticado e, se é também objeto de reflexão, isso só tem valor quando nos ajuda a viver o Evangelho na vida diária” (GE n 109). Por isso, a saída para as periferias também implica que todas as estruturas eclesiais, todas as pastorais estejam voltadas para uma vida segundo o Evangelho e isso implica fundamentalmente a solidariedade com os empobrecidos. Nossas festas de padroeiro, eventos, o cotidiano das paróquias, a liturgia, catequese e as diversas pastorais precisam estar embebidas pela solidariedade evangélica. Por isso, Francisco nos questiona: “quais serão as perguntas que o Senhor nos fará naquele dia: ‘Foste à Missa? Fizeste uma boa catequese?’. Não, as perguntas são acerca dos pobres, porque a pobreza está no centro do Evangelho” (FRANCISCO, 2015c).

A liturgia, a catequese, bem como tudo mais que fazemos, são autêntica vivência do Evangelho se são experiência do serviço ao Senhor nos empobrecidos do mundo. E

mais, como nos recordou Francisco, a salvação, a participação na vida divina, não se dá apenas com a celebração da liturgia ou com a pregação, mas na vida de amor, especialmente aos mais sofredores, mesmo quando esse amor é assumido por quem nem professa fé em Deus. Até porque, os que serviram ao Senhor, segundo a parábola, nem sabiam que ao cuidar do pobre, cuidavam de Jesus, simplesmente o fizeram: “Quando foi, Senhor?” (Cf. Mt 25,37-39). O papa ainda faz questão de rebater certos comentários incoerentes, muito frequentes quando se fala dos pobres: “Alguns dizem: ‘Mas estes sacerdotes, estes bispos que falam dos pobres, dos pobres... Queremos que eles nos falem da vida eterna!’. Olha, irmão e irmã, os pobres estão no centro do Evangelho; foi Jesus quem nos ensinou a falar com os pobres” (FRANCISCO, 2020).

Gostaríamos de destacar ainda um ponto que é cada vez mais pertinente para assumirmos de fato essa saída para as periferias. Temos que sair do estilo palaciano que vivemos. Todo o povo de Deus, fiéis ordenados e fiéis leigos, precisamos assumir a pobreza evangélica, estilos de vida simples e austeros. É verdade que temos realidades onde o clero é muito sofrido, outras onde se vive conseqüentemente a pobreza e no meio dos pobres. Contudo, ainda hoje é atual a acusação feita a Igreja na época da Conferência de Medellín: “chegam igualmente até nós as queixas de que a Hierarquia, o clero e os religiosos são ricos e aliados dos ricos” (DM 14,2) e mais, que “não faltam casos em que os pobres sentem que seus bispos, párocos e religiosos, não se identificam realmente com eles, com seus problemas e angústias” (DM 14,3). Por isso, falando a presidência do CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho), Francisco expressou que os bispos devem ser “homens que amem a pobreza, quer a pobreza interior como liberdade diante do Senhor, quer a pobreza exterior como simplicidade e austeridade de vida. Homens que não tenham ‘psicologia de príncipes’. Homens que não sejam ambiciosos” (FRANCISCO, 2013).

Igualmente é escandaloso que alguns fiéis leigos vivam com tanto luxo e requinte enquanto tantos irmãos e tantas irmãs vivem na miséria. A partilha é urgente e interpela a todos. “Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências... Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (EG n 201). Afinal, “existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG n 48). Por

isso, ouçamos esse convite vibrante do papa Francisco para sermos uma Igreja em saída para as periferias, verdadeiro chamado do próprio Jesus:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!... Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos... Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos (EG n 49).

Considerações finais

A centralidade dos pobres é a característica mais fundamental do ministério pastoral do papa Francisco. Ela é fruto de sua experiência de pastor e por ter assumido consequentemente a tradição libertadora latino-americana como recepção criativa do Vaticano II. É verdade que Francisco nunca se identificou propriamente com a teologia da libertação como conhecemos, embora tenha colhido muito da vertente argentina da mesma (a teologia do povo). Todavia, vem assumindo, sobretudo como papa, uma autêntica práxis libertadora colocando os pobres no centro das preocupações da Igreja. E isso é o mais importante. Francisco é realmente consequente com a parcialidade fundamental de Deus pelos pobres.

Os desafios são grandes. Ele sonha com uma Igreja pobre e para os pobres, uma Igreja em constante processo de saída para as periferias. Mas as resistências são grandes. Certamente os frutos não serão imediatos e talvez nunca tão numerosos como gostaríamos. Contudo, nesses 10 anos de ministério pastoral, Francisco deixou suas sementes de Evangelho. Ele levou para Roma, e de lá para o mundo todo, o que vozes minoritárias há tempos já gritavam: os pobres estão no centro do Evangelho, por isso devem estar no centro da Igreja. Com ambiguidades, como todo profeta tem, Francisco nos provoca com palavras e gestos, nos desconcerta, nos inquieta. Como diziam do outro Francisco, o pobrezinho de Assis, podemos dizer também do Francisco de Roma: há momentos quando não sabemos se é Francisco ou se é Cristo. Isso por ser tão forte o cheiro de Evangelho que emana de sua vida! Que seu testemunho nos desinstale para

sairmos para as periferias e lá encontrar Cristo a nos saudar: VINDE, BENDITOS DE MEU PAI! (Cf. Mt 25,34).

Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, F. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco).

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín* (DM), 1968: trinta anos depois, Medellín é ainda atual? 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

CELAM. *Conclusões da Conferência de Puebla* (DP): Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 14ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção sal da terra).

FRANCISCO, PP. *Ângelus*, 15 de novembro de 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2020/documents/papa-francesco_angelus_20201115.html, acesso em 18 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. *Discurso aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-americano (C.E.L.A.M.) por ocasião da reunião geral de coordenação*, 28 de julho de 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html, acesso em: 03 ago. 2013.

FRANCISCO, PP. *Discurso aos participantes no Congresso Internacional por ocasião do 40º aniversário da Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla*, 03 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191003_celam.html, acesso em 14 de dezembro de 2019.

FRANCISCO, PP. *Discurso aos participantes no Jubileu das Pessoas Socialmente Excluídas*, 11 de novembro de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161111_giubileo-senza-fissa-dimora.html, acesso em: 04 de dezembro de 2016a.

FRANCISCO, PP. *Discurso no II Encontro Internacional com os Movimentos Populares*, 09 de julho de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em 16 jul. 2015a.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG) sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, PP. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate (GE) sobre a chamada à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, PP. *Mensagem vídeo para a Cáritas de Roma*, 28 de abril de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150428_video-messaggio-caritas-roma.html, acesso em: 05 de maio de 2015b.

- FRANCISCO, PP. *V Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/20210613-messaggio-v-giornatamondiale-poveri-2021.html>, acesso em: 16 de junho de 2021.
- FRANCISCO, PP. *Via-sacra com os jovens*, JMJ Polônia 29 de julho de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160729_polonia-via-crucis.html, acesso em 04 ago. 2016b.
- FRANCISCO, PP. *Visita à Igreja Evangélica e Luterana de Roma*, 15 de Novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151115_chiesa-evangelica-luterana.html, acesso em 04 de dezembro 2015c.
- GAUDIUM ET SPES (GS). In: *VATICANO II: Mensagens, Discursos, Documentos*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.
- CÂMARA, H. P. Circulares conciliares, de 13/14 de outubro de 1962 a março de 1964. Volume I, Tomo I. Org. Luiz C. L. Marques e Roberto de A. Faria. Recife: CEPE, 2009.
- JOÃO CRISÓSTOMO, São. Homília 50 sobre São Mateus. In: FAUS, José Ignacio Gonzáles. *Vigários de Cristo: Os pobres na teologia e espiritualidade cristãs*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.
- JOÃO XXIII, PP. Mensagem radiofônica a todos os fiéis, 11 de setembro de 1962. In: *VATICANO II: Mensagens, Discursos, Documentos*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p.20-26.
- LERCARO, G. Intervenção no Concílio. In: GAUTHIER, P. *O Concílio e “a Igreja dos pobres”*: “Consolai meu povo”. Trad. Luiz C. Lima. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 178-182.
- LUMEN GENTIUM (LG). In: *VATICANO II: Mensagens, Discursos, Documentos*. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.
- MIRANDA, M. F. *Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018. (Coleção Teologia do Papa Francisco)
- PACTO DAS CATACUMBAS. In: BEOZZO, J. O. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- REPOLE, R. *O sonho de uma Igreja Evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Trad. D. Hugo C. S. Cavalcante. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Coleção A teologia do Papa Francisco vol. 4)